

Luiz Francisco Rebello

FONDE
NAIDOS

WDA

DO AUTOR

TEATRO

O MUNDO COMEÇOU AS 5 E 47 — O DIA SEGUINTE —
ALGUÉM TERA DE MORRER (1.º volume, 1959).

E URGENTE O AMOR — O FIM NA ÚLTIMA PÁGINA — OS
PASSAROS DE ASAS CORTADAS (2.º volume, 1959).

CONDENADOS A VIDA (1963).

ENSAIO

D. JOÃO DA CÂMARA E OS CAMINHOS DO TEATRO PORTUGUÊS (in *Perspectiva da Literatura Portuguesa no século XIX*, 1949; 2.ª ed., refundida, 1962).

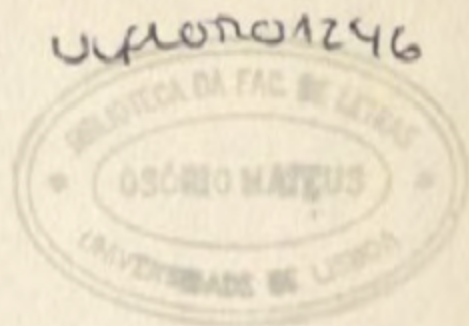
O ACTOR (in *Enciclopédia da Vida Corrente*, 1953).

TEATRO MODERNO: CAMINHOS E FIGURAS (1957).

IMAGENS DO TEATRO CONTEMPORÂNEO (1961).

TEATRO PORTUGUÊS: DO ROMANTISMO AOS NOSSOS DIAS (1961); DAS ORIGENS AO ROMANTISMO (em publicação).

LUIZ FRANCISCO REBELLO



CONDENADOS À VIDA

*Sequência dramática em duas partes
com um prólogo e um epílogo*

EDIÇÕES

TEMPO

SOCIEDADE DE MAGAZINES, LDA.

LISBOA

À Mariana, sempre
no meu coração, sempre
no meu pensamento, sempre
no meu amor.

DAVID EDUARDO FERREIRA

PERSONAGENS

LUCIANA

AFONSO

e (por ordem de aparição):

UM VELHO

PRIMEIRO HOMEM

UMA MULHER

SEGUNDO HOMEM

EUGENIA

COBRADOR

ILDA

CRIADO DO CAFÉ

SANTIAGO

ISABEL

GONÇALO

ENFERMEIRA

JORGE

MARIA AUGUSTA

GINA

FILIFE

CÉSAR

CONSTANÇA

MIGUEL

1.º e 2.º CLIENTES DO CAFÉ

HOSPEDEIRA DE BORDO

DOIS HOMENS (no epílogo)

Uma velha, um homem, clientes do café, um criado, passageiros, empregados do aeroporto, homens e mulheres.

PRÓLOGO

... A propósito de este libro...

PRÓLOGO

Apagadas as luzes da sala, e antes de o pano subir, ouvir-se-ão ruídos que sugerem (mas sem qualquer preocupação de fidelidade realística) uma grande estação de caminhos de ferro: comboios que chegam e que partem, silvos e apitos, indicações dadas por alto-falantes, vozear confuso, etc. Para se obter o desejado efeito de estranheza, conviria que se usasse (como, aliás, no decurso do prólogo e, mais adiante, na transição da 2.^a parte para o epílogo) música concreta. Os ruídos vão crescendo de intensidade e, quando atingem o máximo de estridência, cessam abruptamente.

No silêncio total que se segue, o pano começa a subir muito devagar, descobrindo um ângulo de uma sala de paredes muito altas, completamente nuas, de uma brancura que fere a vista. Ao longo das duas únicas paredes visíveis, e apenas interrompido por um guarda-vento de duas portas que se abre na parede da D. (mais curta que a da E.), corre um banco metálico. Quando, empurradas de dentro ou de fora, se abrem as portas desse guarda-vento (de um vidro fosco, cor de chumbo), distingue-se vagamente a silhueta cinzenta de enormes carruagens. Estamos, de facto, na

sala de espera de uma estação de caminhos de ferro, muito embora, pela sua nudez e ausência de cores, ofereça antes o aspecto duro e frio de uma câmara asséptica. Por cima do guarda-vento há o mostrador de um relógio. Mas apenas o mostrador: o relógio não tem ponteiros. É uma lâmpada vermelha, que se acenderá quando nas rubricas for indicado.

Não há qualquer outra decoração.

(Estão em cena, quando o pano sobe, um Velho e uma Velha, sentados no banco, ao lado um do outro, contra a parede da E.. Ele veste uma camisola e umas calças cinzentas, ela uma espécie de túnica da mesma cor. Têm ambos, sobre o peito, uma chapa de metal com um número. Decorre um longo tempo, durante o qual os dois se mantêm imóveis, silenciosos, as mãos sobre os joelhos, o olhar inexpressivo, ausente. Até que, empurrada do exterior, se abre a porta da D., dando entrada a um Homem de meia-idade, vestindo, como o Velho, uma camisola e umas calças cinzentas. Todas as personagens, aliás, que intervêm no prólogo vestem de igual maneira; e todas trazem, sobre o peito, uma chapa numerada. Além disso, exprimem-se num tom neutro, impessoal, que ajudará a criar a atmosfera de estranheza em que a acção deste prólogo deverá decorrer.)

O HOMEM

(dá uns passos em cena, olhando à sua volta, sem que qualquer dos Velhos pareça notar a sua presença; depois estremece, esfrega as mãos uma na outra, ao mesmo tempo que diz, na direcção dos Velhos): Que frio... (Mas os Velhos não reagem. Directamente para eles:) Não acham? (O Velho, sem o fitar, limita-se a encolher os ombros. O Homem dá um ou dois passos na direcção deles.) E que sítio inconfortável!

O VELHO

(em tom de absoluta indiferença): Que importância tem isso agora? Estamos aqui só de passagem.

O HOMEM

(condescendendo): Tem razão. De um momento para o outro chamam por nós, e não há outro remédio senão partir. Mal nos dão tempo para pensar noutras coisas. E que adianta pensar noutras coisas, se verdadeiramente só uma nos preocupa? (Um silêncio. Os Velhos mantêm-se indiferentes. O Homem, dirigindo-se ao Velho, numa tentativa para estabelecer diálogo:) Que número tem o seu comboio?

O VELHO

(lendo a chapa): Diz aqui: 62 — HZ — 327.

O HOMEM

O meu é o número a seguir. Deve partir uns minutos depois.

O VELHO

Uns minutos, umas horas, uns anos... É tudo igual. Só quando a viagem principia é que o tempo começa a existir para nós. Por enquanto, um século e um segundo têm exactamente a mesma duração... (Pausa. A Velha começa a tremer.) Pare com isso! (A Velha continua a tremer.) Pare com isso, não ouve?! (Agarra-lhe os braços. A Velha aquieta-se. Para ela:) Quando a ordem vier, terá de embarcar. Como os outros, como todos os outros... A viagem começa sempre da mesma maneira para todos. É depois que cada um segue o seu caminho.

(Um breve silêncio. E, de repente, ouve-se a voz imperativa, autoritária e seca do alto-falante.)

ALTO-FALANTE

Atenção! Atenção! O comboio número 62 — HZ — 327 vai partir dentro de instantes. Os passageiros destinados a este comboio devem tomar sem demora os seus lugares.

O VELHO

(para a Velha): Somos nós. Venha comigo. *(Ajuda-a a levantar-se. Encaminham-se os dois para a porta.)*

O HOMEM

(vendo-os sair): Feliz viagem...

(No momento em que os Velhos vão a sair, cruza-se com eles uma mulher de cerca de 35 anos, que ficou um instante a vê-los partir, depois entra, olha com estranheza à sua volta, e por fim dirige-se ao Homem.)

A MULHER

Desculpe... É aqui a sala de espera?

O HOMEM

Há outras ao longo do cais.

A MULHER

Iguais a esta?

O HOMEM

Exactamente iguais. *(A Mulher torna a percorrer a sala com a vista. É evidente a sua decepção. O Homem acerca-se dela.)* Não imaginava que fosse assim?

A MULHER

Não é bem isso... Mas supus que ia encontrar aqui... *(Interrompe-se, como se tivesse dificuldade em exprimir o seu pensamento.)*

O HOMEM

O quê?

A MULHER

Uma... explicação, uma indicação qualquer, ao menos... E afinal, nada, absolutamente nada! Só estas paredes nuas, silenciosas e nuas... Estas paredes que não respondem a nenhuma das interrogações que trazemos dentro de nós!

O HOMEM

Faça como eu. Não lhes pergunte coisa nenhuma.

A MULHER

A quem hei-de então perguntar?

O HOMEM

Disseram-lhe que viesse para aqui e esperasse, não foi? Que chamariam por si quando chegasse a sua vez? Não lhe basta? Que mais precisa de saber?

A MULHER

O que eles não dizem... Para onde nos levam, o destino que vão dar-nos... Mas se lhes perguntamos alguma coisa, olham para nós com indiferença, calam-se e não respondem. Entregam-nos uma chapa com um número, mandam-nos ficar à espera, e quando chega a hora de partir obrigam-nos a tomar o comboio que nos têm destinado. E tudo isto friamente, burocraticamente, só com as palavras indispensáveis. Como autómatos. Como se fossem apenas uma mão que carimba números, uma voz que repete ordens... (*Cerrando os punhos.*) É horrível!

O HOMEM

E daí, quem sabe?, talvez seja melhor assim... (*A Mulher olha-o interrogativamente.*) Pense que eles podiam enganar-nos. E que podiam também, se quisessem, dizer-nos a verdade — uma verdade medonha, intolerável... Mas com palavras doces, carinhosas... Com sorrisos amáveis e gestos bem educados... Simplesmente pelo prazer de serem cruéis, de nos atormentarem ainda mais... E como poderíamos nós saber *agora* se o que eles diziam era verdade ou não? Ah! seria muito pior, acredite...

A MULHER

Pior? Pior do que esta ignorância, esta incerteza?

O HOMEM

Assim, ao menos, todas as hipóteses são possíveis...

(Uma pausa, cortada pelo ruído estridente de uma campainha. Acende-se a lâmpada vermelha sobre a porta. E o alto-falante volta a fazer-se ouvir.)

ALTO-FALANTE

Atenção! Atenção! O comboio número 62 — HZ — 327 vai partir imediatamente...

(E, com efeito, começa a ouvir-se o ruído de um comboio que se põe em movimento. Crispada, a Mulher volta-se contra a parede. O Homem dirige-se para a porta, que entreabre, e fica a olhar para fora.)

O HOMEM

Lá vão... E já outro comboio vem tomar o lugar do que partiu. Aquele em que nós havemos de seguir...

A MULHER

(ainda de costas voltadas): Não, ainda não... O meu será ainda depois desse. HZ — 329. Um número, um número apenas, como milhares, milhões de outros! Um número que não quer dizer nada, que não significa nada! *(Voltando-se para o Homem.)* As palavras podem ser falsas, hipócritas, podem enganar-nos, como disse há pouco. Mas é sempre possível referi-las a qualquer coisa, há sempre seja o que for por detrás delas. Os números, não. Estão ali, diante de nós, impenetráveis, secretos, alheios à nossa angústia, à nossa inquietação... Precisamos de palavras, palavras que nos tranquilizem, e eles respondem-nos só com números...

O HOMEM

Talvez seja essa a única linguagem que neste momento somos capazes de entender.

(Um tempo. O ruído do comboio em marcha foi diminuindo gradualmente até deixar de se ouvir. A lâmpada vermelha apagou-se.)

A MULHER

(a meia voz, como que a medo): Ouvi dizer que alguns conseguem fugir... Que não respondem à chamada, e o comboio parte sem eles...

O HOMEM

E que adiantam com isso? Seguem depois, noutra comboio, mais tarde..., em piores condições... Ninguém consegue escapar. Eles têm uma organização perfeita. Não podemos fazer outra coisa que não seja obedecer-lhes.

A MULHER

Mas sabemos nós, ao menos, do que é que estamos à espera?

O HOMEM

Essa é a grande força deles: não sabermos nada. Não sermos capazes de adivinhar. É com isso que eles contam. É isso que lhes dá a certeza da nossa obediência. (*Directamente para ela:*) Se neste momento lhe dessem a escolher entre ficar, renunciando para sempre a saber o que estaria para acontecer-lhe, e partir, mesmo ignorando o que a espera, a senhora ficava?

A MULHER

(*ao fim de um tempo, muito baixo*): Não... Preferia partir.

O HOMEM

Pois aí tem...

(*Abre-se a porta, empurrada do exterior, e entra um Homem, de idade aproximadamente igual à do 1.º, que designaremos por 2.º Homem.*)

2.º HOMEM

Desculpem-me... Mas ainda não chamaram para o comboio número 328, pois não?

1.º HOMEM

Não. Deve ser o próximo.

2.º HOMEM

Distraí-me a ver os que esperam, lá fora, e receei que a minha vez tivesse passado. (*Noutro tom.*) Os últimos comboios iam completamente cheios. Sempre gostava de saber o que farão depois a tanta gente! Mas isso

já não é connosco. Enfim, penso que há-de haver lugar para todos!

A MULHER

(*aproxima--se dele e, timidamente, pergunta*): Eles... disseram-lhe alguma coisa?...

2.º HOMEM

Eles quem? (*Compreendendo ao que ela quer referir-se.*) Ah, sim! Disseram-me só que esperasse e que...

1.º HOMEM

(*concluindo a frase*): ...e que chamariam na altura própria. É o que dizem a todos.

A MULHER

E os senhores aceitam que seja assim? Conformam-se com isto? Que nos obriguem a fazer esta viagem, ocultando-nos o destino a que estamos condenados? Enquanto eles, indiferentes, se limitam a repetir invariavelmente as mesmas palavras — sempre as mesmas palavras que nada dizem!

2.º HOMEM

Talvez não saibam muito mais do que nós...

A MULHER

Pois quem há-de saber, se não forem eles?

2.º HOMEM

Eles são apenas funcionários... Nada mais fazem do que cumprir ordens. Acima deles há-de haver inspectores, que fiscalizam a execução dos serviços. E ainda mais acima os que têm a seu cargo distribuir-nos pelos diversos comboios, escolher o momento da partida, as estações em que havemos de descer. Mas

só os que estão no topo da escala é que devem verdadeiramente conhecer o nosso destino inteiro, do princípio ao fim...

1.º HOMEM

Nem mesmo esses devem conhecê-lo...

2.º HOMEM

Porque diz isso?

1.º HOMEM

Porque o nosso destino ainda não está escrito. Somos nós que o havemos de escrever — depois...

(Um terceiro homem, de aproximadamente 35 anos — que, nos dois actos seguintes, será Afonso — entra, e em silêncio vai sentar-se no banco, junto à extrema E., as costas apoiadas contra a parede, os olhos cravados no tecto, indiferente ao diálogo que as restantes personagens continuavam travando.)

2.º HOMEM

E se falássemos de outra coisa?

A MULHER

(agressivamente): De que outra coisa podemos nós falar que não seja... «isto»?

1.º HOMEM

Ela tem razão... Nenhum de nós tem um passado, e o futuro é por enquanto uma incógnita. Estamos limitados a este momento, a esta espécie de véspera, este compasso de espera... Não podemos falar de outra coisa... até chamarem por nós.

2.º HOMEM

(com um gesto de cabeça na direcção do recém-chegado,

que se mantém na mesma atitude): Ou então esperar em silêncio...

(E neste instante o alto-falante torna a fazer-se ouvir, immobilizando as personagens.)

ALTO-FALANTE

Atenção! Atenção! O comboio número 62 — HZ — 328 vai partir dentro de instantes. Os passageiros destinados a este comboio devem tomar sem demora os seus lugares.

1.º HOMEM

(para o 2.º): Parece que chegou enfim a nossa vez...

2.º HOMEM

É verdade: temos de partir. *(Encaminham-se os dois para a saída.)*

A MULHER

E eu continuarei sòzinha, à espera, com todas estas perguntas dentro da minha cabeça, todas estas perguntas a que ninguém sabe responder! *(Dirige-se para a porta, por onde os dois outros acabam de sair, esboça um movimento para abri-la, mas no último instante falta-lhe a coragem. Retrocede, olha para Afonso, e por fim, não se contendo, interpela-o:)* E o senhor? Como pode ficar aí sentado, alheio a tudo o que se passa à sua volta, como se não lhe dissesse respeito?

O QUE SERÁ AFONSO

(serenamente): Não é a mim que diz respeito... É a outro que eu ainda não sou. Nós somos, por enquanto, apenas uma hipótese...